

NAUFRÁGIO

A D. Gabi Coelho Neto

Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas.

CASTRO ALVES: "O navio negreiro"

NAVEGAVA o iate *São Rafael*, todo o velame aberto, à vista de terra.

O céu estava de um cinzento carregado e triste; era baixo, tão baixo que abafava e que oprimia. O mar tinha uma calma aparente, zebrado de escuro, com ondulações grossas, pesadas, vagarosas e sem espumas. O tempo era indeciso: não havia prenúncios certos de tormenta; antes era de temer-se um aguaceiro; mas o aspecto dos elementos não infundia a menor segurança. O vento parava, dormitava instantes; depois caía em rajadas súbitas, de nordeste, rasteiras e velozes como grandes golpes de foice, eflorando a vaga triste e preguiçosa, açoitando o rosto da maruja com a impertinência úmida de sua frialdade.

O vulto da terra, no horizonte, que devia ser muito branca, de areia solta, de morros, esbatia-se, esfumava-se. Grandes nuvens baixas, de contornos esfrangalhados, os bordos a se diluírem, arrastavam-se como lesmas, superpondo-se umas às outras, com espaços vazios, profundos, entre elas, por onde se entrevia um pouco de claridade mortíça, cirial e transparente.

Cada vez mais o cinzento do céu escurecia. E uma neblina tênue começou a cair, fina que mal riscava a sombra negra do iate.

Eram quatro horas da tarde. Parecia, no entanto, que vinha perto a noite.

Não se avistava um navio; não passava, piando, uma gaivota; não pairava na esteira do barco, em arremetidas súbitas para a água piscosa um só mergulhão. Na imensidade daquele cenário o *São Rafael* era o único vulto.

Quando vinha uma das lufadas imprevistas, o iate inclinava-se, metia a borda n'água, entre cachões de espuma da vaga ferida, que iam morrer, pulverizando-se, nas tábuas lisas do convés; o traquete rangia, a bujarrona inchava num grande seio branco, todo o apare-

lho dava um gemido surdo e longo de cordame retesado: e o barco veleiro voava sobre o mar. . .

A inconstância do vento modificava de instante em instante a rota do iate. Em cada bordejo a alma dos tripulantes se enchia de esperança ou esmorecia em desespero. Era, às vezes, com o vento de feição, a terra que se aproximava mais e mais, os vultos dos coqueirais já se delineando por entre a neblina, na imácua branca das areias. Depois, vinha uma rajada. O barco virava de bordo novamente e aquele cenário ia-se distanciando, apagando, enquanto o navio ganhava o alto mar. . .

Os quatro homens da tripulação andavam na faina rude, ansiosos por chegar e para rever os lares desejados; andavam mudos, encharcados da chuva, pingando água das vestes grossas, tintas de murici. E o mestre, o Chico Biquara, rapaz de vinte e cinco anos, de pé, mãos calosas na cana lisa do leme, retificava o rumo, mandava a manobra. De momento a momento as mãos se afrouxavam e o seu espírito alheava-se do navio; perdia-se num grande afastamento, olhos fitos na terra apetecida, como que procurando adivinhar-lhe no contorno distante, indecifrável, apagado, o perfil das dunas conhecidas, a aldeola de pescadores aninhada no sopé dos morros, entre coqueiros e moitas de pinhão, os mastros curvos das jangadas alinhadas na praia rasa e branca, a torre festiva da igrejinha, as pesadas barcaças do Aracati dormindo presas às âncoras, os botes balouçando-se ao ondular fraco das águas do porto; por cima de tudo muito sol, céu azul, límpido, grandes ofuscações da luz sobre a alvura das praias; tudo o que seus olhos, desde a meninice, se haviam acostumado a ver; tudo que sempre sua alma via nos devaneios doces da saudade. E, além daquelas cousas da terra, a sua noiva, a suave e ingênua Maria de Lourdes, morena, de lábios muito vermelhos, filha do Antônio Caiçara, o armador do *São Rafael*. O seu casamento estava *tratado* para agora, no repousar daquela viagem. Nela ganhara bastante dinheiro e trazia do Aracati, para a noiva, um baú de cedro cheiroso, atupido⁷ de rendas das mais finas que ali encontrara. A gente do Pecém havia de invejar a sua felicidade.

Mais se perdia o seu espírito em divagações a essa idéia. Havia de ser uma bela festa o seu casamento: o padre paramentado entre luzes, diante do altar; a noiva toda de branco, velando os olhos castos à sombra dos cílios longos e negros; ele de jaqueta maruja,

⁷ A forma é eminentemente lusa; empregou-a Fernão Lopes, segundo Frei Domingos Vieira, no seu *Tesouro da língua portuguesa*. Pode ser que, ao tempo das observações de Gustavo Barroso, os jangadeiros cearenses usassem, em lugar de ou concomitantemente ao usual *entupido*.

azul, largas calças brancas, a desabrochar em sorrisos; os padrinhos compungidos e sérios; muita gente acompanhando, repiques de sinos no ar diáfano da manhã, aclamações no adro, vivas, gritos altos de prazer e festa, foguetes; depois, as danças, tocadores de harmônica e viola, as cantigas. Baixava a cabeça e à carícia suave das recordações que o envolviam, sorria, cantarolava entre dentes:

Minha jangada de vela
Que vento queres levar?
De dia, vento de terra,
De noite, vento do mar.

Ai, amor, por ti eu parto!
Por ti, amor, voltarei!...
Quanto amor levo pros mares,
Nas praias quanto deixei!

Numa quadra estava toda a psicologia dos marinheiros audazes e bruscos daquelas praias escampas: o desejo de romper o mar na luta pela vida, dia claro; a vontade imensa de regressar depois do trabalho ao descanso do lar com o escuro da noite. Ia na outra toda a alma afetiva dos praieiros. Então o mestre fantasiava uma felicíssima existência de casado, com filhos carinhosos e esposa dedicada, no inculco e rude bucolismo da sua alma de marinheiro, criada diante do mar e do céu, acostumada a encarar as imensidades, de pé, olhos abertos, firmes, quer à luz encantadora das manhãs translúcidas, quer aos bafejos de morte das tardes de borrasca.

Mas, de repente, a rajada atirava-lhe ao rosto uma bofetada fria, feita dos filós da neblina e dos respingos da vaga: e ele, voltando à realidade, bradava, metendo o leme a bombordo:

— Larga as escotas da proa! Amura sobre a bolina!

E o iate virava de bordo no espumejar da vaga.

O vento foi rondando no quadrante de nordeste. Soprou depois do norte. O *São Rafael* pôs-se a capa. O vento mudou ainda: veio de sueste e então insistente, forte, terrível, a crescer, a crescer numa espantosa velocidade. O iate não podia mais alcançar a terra. Voou, afastando-se da costa entrevista numa fagueira esperança, corrido pela rajada. O mar picava-se. Vinham borbulhas soluçar na superfície. Ia-se fazendo escuro. Não se avistava uma jangada, um farol, uma rocha. A costa apagara-se de todo. Agora era só céu, céu e mar que rugia de encontro a cachopos, distantes e ocultos traiçoeiramente sob o manto revolto do oceano.

— Arria as curingas! gritou o mestre.

O iate que já mergulhava o beque na onda, cortou-a com a roda de proa, duramente, ao impulso das velas grandes, aos saltos, pino-teando. Outra rajada apanhou-o pelo través, pela alheta. Inclinou-se com um suspiro cavo e um soluçar de brandais esticados. Vagas

escorregaram-lhe aos lados, correram; chofraram-se com outras e vieram presto inundar o convés. De novo estrugiu a voz do mestre:

— Agüenta a retranca! Riça o traquete!

A maruja correu, tropeando, pelo convés.

Nova rajada mais forte, mais brutal. O *São Rafael* embarcou uma vaga. A neblina tornava-se chuva forte, o vento recrudesceu, cada vez golpeava o mar mais desabridamente. O iate jogou um instante na crista de uma vaga enorme, depois voou por sobre os degraus moles das ondas, às vezes com a quilha quase toda de fora. Correu assim muito tempo. O mestre agüentava a cana do leme, puxava-a, retesando a musculatura de aço, fincando os pés nas juntas do convés, ofegante. O navio, atônito, não obedecia ao leme. E a tempestade aumentava.

Subitamente, num berro de louco, o proeiro, deitado sobre o gurus, seguro aos patarrases, largou-os num salto para o convés:

— As pedras! As pedras, Maria Santíssima!

Os homens correram em desatino, febris, a toa, pelo navio. Dois lançaram-se à bateira pendurada aos cachorros da popa, cortando os cabos de linho com as facas afiadas. O Chico num grande esforço calmo e resolutivo meteu o leme todo de ló, e as veias fortes do pescoço taurino, intumescidas ao esforço, pareciam cordas, surriolas grossas. Era tarde. Gemeram pesadamente os madeiros. Houve uma grande pancada. Depois um ranger forte, horrível, arrepiante, e estalos de cabos rebentando. Os dois homens da bateira, cuspidos n'água, debatiam-se em desespero. O rugir da tormenta abafou gritos e blasfêmias, súplicas e imprecações. O *São Rafael* adernou, adernou mais e foi-se afundando, afundando. Houve um redemoinho, um bracejar de nadadores mais adiante. Depois veio uma onda, depois uma outra, e a glauca superfície alisou-se. Ondas, maiores correram, dando nos cachopos soturnamente. Outras, menores, vieram. Em torno a uma ponta de mastro, brincaram, farandolando. Dispersaram-se. E somente grandes vagas cansadas se estiraram pela tela movediça do mar.

A tempestade rugiu muito tempo. Depois, as rajadas foram diminuindo aos poucos. O temporal gemia ao longe, fugindo. Ganiu mais distante, em arrancos. Foi escurecendo, escurecendo. Fez-se noite.

De manhã, na maré baixa, o mar resplandecia palhetado de sol, muito verde, sob um céu muito azul. Os cachopos negros estavam à vista, com cabelos limosos e longos beijados pela vaga. Boiavam cadáveres e fragmentos de tábuas ao sabor das ondulações, sem fito e sem rumo — sem destino como a própria onda. Piavam gaiotas, avoejando. Uma vela de jangada, muito branca, fugia muito longe...